

S

o

p

h

i

a

A Maga

Violeta

---

M. V. Ferreira



Terra do Sul

Serra Morta

Pico do Dragao

Rio do Dragao

Calmriver

Draconem

Berg

Norwood  
Floresta das Sombras

Siems

Seaffield

Kalimar

Mundo de Sestsh

Despertar dos Eraytes



Ano 529 no calendário do Reinado. Sophia, a maga mais nova de sua cidade, está a poucas horas de sua primeira jornada como aventureira. Uma jornada que a obrigará a trocar a vida de aventureira, que estava apenas começando, pela vida da fugitiva conhecida como Maga Violeta.

A cidade de Thu H'ullum não era uma das principais capitais do Reinado, mas ainda assim era uma grande cidade. Possuía dois excelentes ferreiros, que viviam em uma disputa constante pelo posto de melhor ferreiro de toda Draconem, possuía uma grande academia de magia e um centro comercial onde podia se encontrar de tudo. A zona residencial da cidade era dividida em zona alta e zona baixa. Na zona alta viviam os comerciantes mais ricos, os nobres e os grandes mestres da academia de magia, com seus belos jardins, ruas largas e casarões. Na zona baixa, já sem tanta beleza e luxo, viviam as pessoas comuns.

Era em uma dessas casas simples da zona baixa que vivia Sophia, a jovem de quinze anos que logo passaria por aventureira, fugitiva e depois de algum tempo chegaria até a ser uma grande heroína com uma missão épica.



— Minha filha, você tem certeza de que quer fazer isso? — Perguntou a mãe de Sophia, na esperança de desencoraja-la.

— É claro que tenho. Eu serei uma grande aventureira. Eu quero usar meus poderes para ajudar as pessoas — respondeu a jovem, vestindo seu manto violeta e guardando seus últimos pertences na mochila.

— Mas Sophia, os aventureiros de hoje não são mais os heróis das antigas lendas, eles agora não passam de um bando de ladrões.

— Esse é mais um motivo pelo qual eu quero fazer isso, mãe. Eu quero mostrar para todos como realmente deve ser um aventureiro e quem sabe até formar um grupo com outros que pensem o mesmo.

— Mas isso é muito perigoso e as pessoas vão enxergar você como se fosse igual aos outros, como se não passasse de uma ladra.

— Mãe, eu sei dos riscos e sei do preconceito, mas com o tempo as pessoas vão perceber que eu não sou uma fora da lei.

— Você não vai mudar de ideia não importa o que eu diga, não é mesmo? — Perguntou a mulher, abraçando calorosamente sua filha.

— Aquele garoto foi raptado e se nem os pais dele, nem os guardas da cidade vão busca-lo, então alguém precisa ir. Eu preciso ir, mãe — disse a jovem, dando bastante ênfase a palavra “eu”.

— Eu sabia que você não iria desistir dessa ideia maluca, então vá, minha filha, e saiba que apesar da preocupação eu tenho muito orgulho da excelente pessoa que você está se tornando. Que Heliak ilumine seu caminho e Valk lhe de a força que você precisa.

— Muito obrigada, mãe, mas ainda é um pouco cedo para apelar aos deuses, não acha? Esse resgate só vai levar alguns dias e a minha partida definitiva será daqui a um mês. Nós ainda vamos ter bastante tempo juntas — disse ela, desvencilhando-se do abraço da mãe, dando-lhe um beijo no rosto e saindo de casa.

Fora da casa, uma jovem de aparentemente 20 anos, com um metro e setenta de altura, aguardava ansiosa.

— Kara, desculpe pela demora. Você sabe como é minha mãe — disse Sophia ao ver a jovem em frente à sua casa.

— Tudo bem, agora vamos nos apressar e encontrar Aron. Ele já deve estar nos esperando na saída sul.

Kara era uma jovem espadachim, com cabelos loiros, olhos verdes e pele branca, trajando sua inseparável cota de malha, que a fazia parecer um pouco mais velha do que realmente era.

Sophia, apesar de ser consideravelmente mais nova e mais baixa, era dona de uma beleza fora do comum. Seus cabelos longos totalmente negros e olhos também negros contrastavam com suas feições delicadas e pele bem branca de uma forma fascinante. Criando uma beleza frágil e inofensiva, que escondia por completo a sua grande habilidade de combate.

— Você está trazendo comida e água suficientes? Os rumores indicam que os sequestradores levaram o garoto até uma caverna no sopé do Pico do Dragão. São dois dias de caminhada até lá — disse Kara, enquanto caminhava em direção a saída sul da cidade.

— Sim, eu trouxe tudo. Esse pico do dragão é onde vive o dragão rei vermelho, não é mesmo?

— Não seja tão boba, os dragões reis não passam de uma lenda.

— Tudo bem, mas eu ainda acho que aquela montanha não tem esse nome por acaso.

— Não se prenda tanto a esse tipo de detalhe, o povo é muito supersticioso e costuma batizar os lugares por conta de lendas e rumores, muitas vezes infundados.

— Onde vocês estavam? Eu já estou esperando há quase uma hora — disse Aron, de pé ao lado do portão da cidade.

Aron era um guerreiro alto e forte, com uma constituição corporal que o fazia aparentar um pouco mais do que os dezessete anos que completara fazia duas semanas.

Seu cabelo castanho claro bem curto e seus olhos verdes lhe davam um certo ar de nobreza, complementado pela bela armadura de placas de aço que vestia.

— Não seja tão impaciente, é a primeira vez dela — disse Kara, olhando para Sophia. — Não liga pra ele Sophí, é normal demorar um pouco para arrumar as coisas.

— Essas duas... já estou até vendo — resmungou Aron, impaciente.

— O que você disse? — Perguntou Sophia, inocentemente.

— Nada não. Agora vamos parar de perder tempo, um jovem filho de fazendeiro está esperando por nós.



Os aventureiros viajaram sempre durante o dia, montando acampamento assim que o sol atingia o horizonte. A viagem seguiu tranquila, até que no final do segundo dia, quando os jovens preparavam-se para montar o acampamento, um estranho som chegou até eles.

— Vocês ouviram isso? — Perguntou Aron.

— Pareciam pássaros, mas com um tom mais ameaçador — disse Kara.

— São aves do Abismo — disse Sophia.

— Aves do Abismo? — Indagou Aron, antes que uma pena negra, aparentemente normal, passasse a centímetros do seu rosto, como se fosse uma flecha.

Os aventureiros olharam na direção do Pico do Dragão e viram um bando de aproximadamente trinta aves negras, muito parecidas com corvos, vindo ao encontro deles.

— Cuidado! Apesar de parecerem normais, as suas penas são extremamente afiadas e eles podem lança-las como se fossem flechas — disse Sophia.

As aves atacaram, todas ao mesmo tempo, lançando suas penas afiadas na forma de uma chuva letal de dezenas de navalhas negras. Porém Sophia, antes que qualquer das penas chegasse até eles, sussurrou algumas palavras na antiga língua dos dragões e abriu os braços energicamente como se tentasse repelir o ar à sua volta.

— H'ullum Hokhar

Então uma onda de energia violeta surgiu, desintegrou todas as penas lançadas e desapareceu antes de chegar aos pássaros.

Ao perceberem que seus ataques não surtiram efeito, as aves começaram a atacar com mergulhos, pois o simples roçar de suas penas contra a pele já era suficiente para causar ferimentos consideráveis.

Sophia não parava de sussurrar suas palavras arcanas e agitar suas mãos na direção das criaturas, utilizando bolas de fogo e rajadas de vento congelante para derrotar qualquer inimigo que se aproximasse dela. Enquanto os guerreiros apresentavam um pouco mais de dificuldade, uma vez que precisavam desviar dos oponentes para então, com as aves ao alcance de suas espadas, desferir um golpe fatal.

Depois de derrotar todas as aves do Abismo, os aventureiros sentaram-se, exaustos e com alguns cortes superficiais espalhados pelo corpo.

— Nós devemos nos apressar, essas criaturas não são um bom sinal — disse Sophia.

— Não precisa ter medo, esses pássaros malditos são difíceis de acertar, mas não representam tanto perigo assim — disse Aron.

— Você não entendeu, as aves do Abismo não pertencem a esse plano. Elas tem esse nome por que são criaturas mágicas que realmente vem do Abismo.

— É o que é esse Abismo? — Perguntou Kara.

— É um plano abandonado por todos os deuses, para onde vão as almas que não são escolhidas após a morte. Lá elas vão vagar pela eternidade, até serem consumidas pelos diversos demônios que habitam aquele plano. Ou até se tornarem um deles. Existem algumas pessoas que costumam chamar o Abismo de Inferno.

— Mas como uma alma pode ser tão amaldiçoada a ponto de não ser escolhida? Dizem que até bandidos e assassinos são escolhidos, mesmo que seja por Lilith, a deusa das trevas ou Azael, o deus do caos — indagou Aron.

— Eu não sei todos os motivos que podem fazer uma pessoa ir parar lá, mas sei de boatos sobre algumas magias e rituais proibidos capazes de condenar a alma de quem os executar.

— Tudo bem, agora não é hora de ficarmos discutindo isso. Afinal, por que essas aves terem aparecido é algo para nos preocuparmos? — falou Kara.

— Por que significa que alguém está trazendo essas criaturas para cá. Isso pode significar que o filho do fazendeiro deve ter sido sequestrado para algum tipo de ritual de sacrifício, com o objetivo invocar criaturas mais poderosas do Abismo.

— Então não vamos ter muito tempo para descansar, precisamos continuar a viagem e chegar logo até a caverna para onde o levaram — disse Aron, levantando-se.

— Sim, precisamos nos apressar. Mas tenham muito cuidado, se esse mago não tiver o conhecimento necessário, alguma coisa muito mais perigosa do que a gente conseguiria imaginar pode aproveitar-se para fugir do Abismo.

— Mais um motivo para nos apressarmos — falou Kara, também levantando-se.

Os três seguiram o caminho até a caverna, apesar do cansaço. A mente de Sophia oscilando entre o medo e a empolgação. Ambos os sentimentos causados pela expectativa de sua primeira aventura ser muito maior e muito mais perigosa do que ela havia imaginado.

Logo na entrada já era possível identificar diversos símbolos arcanos, marcados com uma substância vermelha que poderia ser um pigmento qualquer, mas também poderia muito bem ser sangue.

— Eu trouxe material aqui na minha mochila. Só um instante que eu vou preparar uma tocha — falou Aron, retirando a mochila.

— Não há necessidade. Vocês tem uma maga recém certificada pela Academia — disse Sophia sorrindo, em seguida executando alguns gestos precisos com as mãos. — Hoak Akthu.

Uma esfera de luz surgiu acima da jovem, iluminando o caminho.

— Isso é realmente útil. Poderia ter feito uma mochila mais leve se você avisasse antes.

Os três aventureiros seguiram pela ampla e tortuosa caverna. Eles seguiram com cuidado, para não serem surpreendidos por nenhum mostro escondido nas diversas curvas. Agradecendo por, pelo menos, aquele ser um corredor único. Se houvessem bifurcações seria muito fácil se perder naquele lugar.

Conforme se aprofundavam na caverna, ele ouviam alguns sons que aumentavam cada vez mais. Não era possível identificá-los com precisão, mas pareciam vozes humanas com alguns sons metálicos misturados.

Os sons continuaram aumentando, até que chegaram a um amplo salão. Com pinturas arcanas por todos os lados, tochas presas às paredes, um altar no lado oposto àquele cujo qual os aventureiros entraram e vários esqueletos entre eles e o altar. Talvez dez ou mais, eles calculavam.

Os esqueletos seguravam espadas e lanças, alguns deles ainda traziam pedaços de armaduras metálicas presos ao corpo. Estavam inertes, mas começaram a caminha em direção a entrada no momento que os aventureiros apareceram.

No altar encontrava-se o garoto sequestrado, amordaçado com um pedaço de pano e preso por cordas. Ao redor dele encontravam-se três pessoas, trajando mantos de cores escuras, difíceis de serem identificadas com precisão sob a fraca luminosidade das tochas. Dois eram definitivamente humanos, enquanto que o terceiro era um pouco mais alto, com olhos vermelhos, cabelos compridos, pele de um azul acinzentado bem escuro, compleição física esguia e orelhas grandes e pontudas.

— Um elfo negro. Ele deve ser o responsável pelo ritual. Tenham muito cuidado com ele — advertiu Sophia.

Elfos negros eram conhecidos por terem uma forte afinidade natural com a magia. Ainda mais forte que a dos elfos comuns e muito mais voltada para a escola das trevas. Fato que os fazia serem vistos com maus olhos pelas outras raças, levando muitos deles a se sentirem excluídos e buscarem ainda mais esse lado sombrio da magia. Chegando muitas vezes a praticar as magias proibidas pelas leis do Reinado.

Os elfos negros não era uma raça naturalmente maligna. Lendas contavam que a afinidade deles com as trevas se explicava por eles terem sido criado por



Lilith, a deusa da noite, que ficou com inveja de Lance por ter criado os elfos e decidiu criar também a sua própria raça. Por isso, em muitos lugares eles eram conhecidos também como elfos da noite. Ainda assim, a maioria acreditava que eles eram criaturas malignas e amaldiçoadas e que seus poderes vinham de pactos com demônios do Abismo.

— Sophí, eu entendo que você tem conhecimento para falar isso, mas acho que devíamos nos preocupar primeiro com esses esqueletos aqui — falou Kara, avançando contra um morto-vivo próximo, a fim de ganhar espaço e impedir que ficassem cercados.

— Não parem o ritual! São apenas três garotos inexperientes. Meus servos darão um jeito neles — advertiu o elfo negro para seus companheiros bruxos.

— Rápido, precisamos chegar até eles antes que eles concluam o ritual. A coisa que vai sair dali pode matar todos nós — disse Sophia, antes de destruir um esqueleto com um pequena explosão de energia violeta.

— Venha, nós vamos te dar cobertura para atravessar essa barreira de monstros — falou Aron, chegando mais perto da jovem maga.

Com Aron à sua direita e Kara à sua esquerda, Sophia correu em direção aos três bruxos, conjurando uma rajada de vento para empurrar dois esqueletos que estavam em seu caminho e ignorando os que tentariam atacá-la pela lateral ou pelas costas.

Os dois guerreiros imediatamente colocaram-se entre os esqueletos e a maga, golpeando com velocidade a fim de afastar os oponentes. Alguns inimigos já haviam caído, mas ainda restavam sete mortos-vivos para combater. Seria uma batalha difícil, mas os dois estavam confiantes de que dariam conta do recado.

— Ela é uma maga iniciante, cuídem dela. Eu vou terminar isso sozinho.

Os dois ajudantes do elfo negro atenderam ao pedido de seu líder e avançaram contra Sophia. Conjurando uma espada de chamas cada um.

A jovem maga olhou para aquilo e sorriu. Pela conjuração deles ela podia avaliar que seu poder era muito superior, mas era o bruxo mais experiente que ainda a preocupava.

Os oponentes avançaram com ataques simples de suas espadas flamejantes, mas Sophia utilizou uma contramagia para desfazer as armas.

— Thuak Hoak Thukhar — sussurrou ela, antes de uma poderosa descarga elétrica sair das pontas de seus dedos e nocautear os dois homens.

O bruxo observou aquilo surpreso e afastou-se de seu altar em direção à Sophia. Olhando melhor, agora ela podia ver que existiam muitos símbolos arcanos desenhados no altar, alguns objetos estranhos também estavam postos sobre ele e o garoto parecia estar inconsciente. Tudo indicava que o ritual estava quase pronto. Mais alguns minutos e eles teriam chegado tarde demais.

Os dois guerreiros já apresentavam sinais de cansaço, mas estavam lidando bem com a situação. Restavam apenas três mortos-vivos de pé e os jovens não apresentavam nenhum ferimento realmente sério.

— Se você deixar o garoto com a gente e sair daqui, eu prometo que você sairá com vida — falou Sophia.

— Muito engraçado de sua parte, mas acho que eu deveria fazer essa oferta. Saíam agora e mantenham suas vidas.

— Thukhar Hokhar — sussurrou a maga, enquanto executava gestos rápidos com as mãos.

O bruxo percebeu que Sophia falava sério, quando uma grande onda de energia violeta veio em sua direção. Tudo que ele pode fazer foi conjurar uma barreira mágica que deteve parte do poder do ataque, mas acabou por romper-se e lançar o mago para próximo do altar novamente.

— Magia sem elemento? Muito interessante para alguém tão nova, mas não fique confiante só por que sabe um truque diferente. Você ainda não tem o meu nível — respondeu ele, antes de conjurar um cão monstruoso feito apenas de energia das trevas.

Ele deixou a criatura lutando contra Sophia e correu para terminar o ritual. A maga sabia que deveria impedi-lo, mas a criatura era realmente poderosas e atingiu Sophia com as garras, enquanto ela se distraía pensando no ritual. O ferimento não foi grave, mas fez um rastro de sangue descer pelo ombro da jovem, até pingar pela ponta de seus dedos.

— Sophi, acabamos com os esqueletos! Deixe esse bicho com a gente e vá impedir o ritual. Estamos cansados, mas não o suficiente para não conseguir matar um simples cachorro! — Gritou Kara, atrás da maga.

Ela deixou que os amigos guerreiros assumissem a luta e correu em direção ao altar. O elfo negro terminara de recitar as palavras mágicas necessárias e preparava-se para cravar um punhal de prata no coração do garoto desacordado.

Sophia não possuía tempo para conjurar uma magia, por mais simples que fosse. Daquela distância, seria mais rápido lançar-se sobre o bruxo, impedir o ritual e depois pensar em como não acabar morta. Então, foi exatamente o que ela fez.

Ele foi pego de surpresa pela atitude da jovem e deixou cair o punhal, que encostou no braço de Sophia, mas sujou-se apenas com o sangue que já escorria e não foi capaz de ferir. Contudo, ao cair sobre o garoto, a lâmina fez um corte em sua perna, devolvendo-lhe a consciência.

O garoto debatia-se e tentava gritar, mais pelo susto do que pela dor, enquanto a maga e o elfo negro engajavam-se em combate corporal, tentando apanhar o punhal caído sobre o altar. A diferença de força física era clara e os olhos de Sophia encheram-se de desespero quando ela viu o punhal manchado de sangue nas mãos de seu oponente.

Ele ficou de pé e sorriu, mas antes que pudesse ceifar a vida da maga, uma espada perfurou suas costas, saindo pelo abdômen e seu corpo caiu inerte sobre o altar. O garoto se debateu ainda mais.

Ela levantou-se e percebeu que Kara e Aron já haviam vencido a criatura, então a jovem guerreira havia arremessado a espada contra o feiticeiro e somente por isso, Sophia ainda estava viva.

Os três aventureiros correram para soltar o jovem e já encaminhavam-se para a saída quando Aron deteve-se, olhando para o altar.

— Ei, Sophia, você que entende mais dessas coisas. Aquelas pinturas deveriam mesmo estar brilhando daquele jeito?

— Não mesmo. Aquele ritual precisava do sacrifício de um inocente e o garoto ainda está vivo.

— Ele foi ferido e você também. Será que o sangue de vocês, junto com a morte do mago não deram alguma interferência nisso aí?

— Eu não ouvi falar de um ritual mágico “se enganar” de alguma forma. Esse tipo de coisa não existe. Acho que deve ser algum outro tipo de efeito colateral no caso de falha do encantamento, eu não conheço todos os efeitos colaterais das magias proibidas.

— Tá bom, mas o que a gente faz então? — Perguntou Kara, interrompendo o diálogo.

— Vocês vão correr o mais rápido que puderem para fora daqui. Eu vou tentar usar uma contramágia para desfazer essa coisa e impedir que alguma criatura do Abismo atravesse. Corram de verdade, se eu não conseguir eu vou explodir o túnel por onde viemos e aprisionar o que quer que saia do portal.

Os guerreiros ficaram espantados pela postura séria e adulta de Sophia e não pensaram em questioná-la. Correram carregando o garoto, ainda em choque, sem olhar para trás.

Sophia correu para próximo do altar. As inscrições arcanas brilhavam em vermelho vivo e o punhal no chão também. Ela esperava que ainda houvesse tempo e começou a conjurar uma contramágia, mas uma forte onda de choque arremessou-a para longe e ela se chocou violentamente contra a parede da caverna.

Um espectro translúcido flutuava sobre o altar. Ele olhava para Sophia com um olhar frio e penetrante, que despertava o medo no fundo de sua alma. Ele ficou ali parado por alguns segundos, até que disparou em direção a Sophia.

Ela sentiu que sua vida dependeria de seu próximo movimento e conjurou a magia mais forte que conseguiu, utilizando todo o seu poder mágico em um só golpe. Uma torrente de energia violeta se formou em frente a maga, tão grande que ela não conseguiu ver o que aconteceu com a criatura, mas ao final restaram apenas pedras espalhadas pelo chão e um grande buraco na parede da caverna. Nem o espectro maligno nem o altar resistiram ao poder daquela magia.

Sophia estava completamente exausta. Cambaleou alguns passos e apoiou-se em uma parede próxima. Então foi escorando-se nas paredes da caverna até alcançar a saída.

Quando os dois guerreiros viram a maga sair da caverna, correram até ela. Aron ajudou a jovem a sentar-se e apressou-se em oferecer seu cantil.

— Tome um gole de água. Você está bem? O que foi aquela explosão?

— Eu não consegui impedir o que quer que estivesse acontecendo lá e uma criatura surgiu. Por sorte acho que ela não teve tempo de despertar seus plenos poderes nesse plano e eu consegui destruí-la. Pessoal, eu não faço ideia do que era aquela coisa, mas agradeço muito por termos nos livrado dela. Só de olhar para aquilo meu sangue gelou.

— Calma, Sophi. Já passou. Vamos descansar e quando você estiver recuperada a gente volta para casa.

— Eu consigo andar. Só estava meio tonta por que me esforcei muito na última magia. Mas já estou bem. E quero sair logo desse lugar.

Os três sorriram e olharam para o garoto, que ficava apenas paralisado ali. Admirando os jovens que salvaram sua vida. Eles eram ainda muito novos, mas eram tão bravos e fortes. Ele definitivamente queria ser como eles.

A volta foi tranquila e sem contratemplos. Eles caminharam em ritmo leve e despreocupado, terminando a jornada no fim da tarde do terceiro dia.

As pessoas se agitaram com a chegada dos três novos heróis da cidade e o menino correu feliz de encontro a sua família.

— Gostaria de agradecer por terem salvo meu filho. Tomem, eu sei que vocês mereciam mais, porém isso é tudo que eu tenho — falou o fazendeiro, oferecendo-lhes três moedas de prata.

Os jovens pensaram que talvez aquelas moedas fossem tudo que aquela família teria conseguido economizar nos últimos meses e decidiram que não poderiam de forma alguma ficar com aquele dinheiro. Seria bom se eles pudessem ganhar algumas moedas com o trabalho que fizeram, mas não aquelas moedas.

— Obrigada, senhor. Mas nós não fizemos isso por dinheiro. Fizemos porque seu filho precisava de ajuda e nós podíamos ajudar — disse a maga, empurrando a mão do homem gentilmente.

— Vocês são realmente heróis, nós nunca vamos esquecer disso. Seremos eternamente gratos — falou a esposa do fazendeiro, ainda com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Os jovens foram cumprimentados por mais algumas pessoas e, passado o tumulto, puderam despedir-se e tomarem o caminho de suas casas. Eles estavam cansados e toda a conversa, sobre a aventura que tiveram e sobre quais seriam as próximas, teria que ficar para a manhã do dia seguinte.

Sophia foi calorosamente recebida por sua mãe, contou resumidamente o que acontecera, garantiu que estava bem e prometeu que explicaria com mais detalhes pela manhã. A mãe, apesar da ansiedade fora de controle, aceitou que a filha realmente estava muito cansada e não a importunou.

Ela foi até seu quarto fechou a pesada janela de madeira, largou a mochila em um canto e caminhou em direção à cama, quando algo chamou sua atenção. A maga virou-se pronta para o combate, imaginando ter visto o reflexo de alguma coisa no espelho afixado a parede de seu quarto. Porém, após um olhar mais atento, não viu nada além de seu próprio reflexo.

“Claro que não tinha nada. Foi só a minha imaginação e o cansaço trabalhando juntos.” Pensou ela, antes de se deitar.



Os primeiros raios de sol iluminaram o quarto de Sophia, retirando-a de seu merecido sono. Contudo, naquele dia em especial, ela era uma das poucas pessoas na cidade que ainda não havia levantado da cama. Não por ter acordado muito mais tarde do que de costume, mas pelos eventos que se passaram na noite anterior.

Ela realizou sua higiene, vestiu-se apropriadamente e desceu as escadas de seu quarto. Procurou pela sua mãe, a fim de descobrir se teria companhia para o jejum, e surpreendeu-se com a expressão preocupada e pesarosa no rosto dela.

— Bom dia, mãe. Aconteceu alguma coisa?

— Sim, minha filha. Aconteceu algo terrível. O seu amigo Aron foi encontrado morto hoje pela manhã.

Sophia ficou chocada com a notícia. Não sabia o que dizer, como responder àquilo, como acreditar naquilo. Não era possível. Eles despediram-se na noite do dia anterior e estavam todos bem. Todos indo para suas casas sem qualquer ferimento grave.

— Kara?! Ela está bem mãe? Sabe alguma coisa dela? — disparou Sophia, lembrando-se repentinamente da amiga e sentindo um frio na espinha que percorreu todo o seu corpo.

— Sim, ela está bem. Acho que está na casa de Aron agora. Ela foi oferecer algum suporte à família.

— Tudo bem. Então eu vou também mãe. Nós éramos as melhores amigas dele, também preciso oferecer o meu apoio.

— Sim, mas tome cuidado e volte antes de anoitecer. Os rumores são de que ele fora assassinado dentro do próprio quarto.

Sophia já estava saindo pela porta quando sua mãe disse essas palavras. Então deteve-se por um instante, enquanto sua mente tentava absorver aquela informação. Ela sentiu o choque da morte do amigo, mas imaginou que tivesse sido resultado de algum ferimento, doença ou veneno decorrente do combate na caverna que tivesse passado despercebido. Era uma péssima notícia, mas não seria nada de tão estranho se fosse isso.

Contudo, assassinado dentro do próprio quarto? O herói que salvou o filho do fazendeiro? Não. Ela não poderia deixar isso passar impune. Iria conversar com Kara e as duas iriam atrás do assassino, não importando o quanto custasse para encontra-lo.

A maga, perturbada por seus próprios pensamentos, saiu sem nem sequer lembrar de responder algo a sua mãe. Ela caminhou distraída até a casa de Aron, onde encontrou alguns professores da escola de magia saindo acompanhados de guardas da milícia local. Em seguida veio Kara, que deteve-se ao ver a amiga.

— Sophi, que coisa terrível. O pescoço dele foi cortado enquanto dormia — disse a jovem loira com os olhos ainda úmidos.

— Como assim? Ninguém viu nada nem suspeita de nada? O que os professores da academia estavam fazendo aqui?

— Ninguém viu nada. Mas os magos da academia identificaram resquícios de magia na ferida. Eles acreditam que pode ter sido uma magia de ataque ou uma lâmina encantada.

— Que estranho. Mas explicaria por que ninguém viu nada. Se for obra de algum usuário de magia, ele poderia ter usado alguma coisa para ficar invisível.

— Sophi, nós vamos atrás de quem fez isso, não vamos?

— Sim, nós vamos. Prepare tudo para a viagem, o assassino já deve estar longe daqui a essa hora. Eu vou fazer um ritual que aprendi para tentar capturar a assinatura desses resquícios mágicos que você falou. Deve demorar algumas horas, mas vai nos levar até a arma do crime ou até o mago que fez isso.

— Tudo bem. Então vamos.

— Só um instante. Deixe-me pelo menos falar com a família de Aron — disse Sophia, caminhando em direção a casa.

Ela chegou bem próximo da porta e deteve-se.

— Eles colocaram algum ritual de proteção aqui contra usuários de magia. Acho que estão com medo de que assassino volte. Eu vou para casa preparar o ritual, isso tudo está muito estranho. Me encontre lá a noite, com tudo pronto, eu vou precisar da sua ajuda.

— Tudo bem. Seja o mais rápida que você conseguir. A cada minuto esse desgraçado deve estar se afastando mais de nós.



A lua já brilhava alto quando Kara bateu a porta da casa de Sophia. Ela percebeu a movimentação dentro da casa e algo que parecia ser uma discussão entre mãe e filha. Com certeza, por conta do ocorrido com Aron, a mãe da maga estava muito preocupada e deveria estar tentando impedi-la de sair de casa.

— Venha, vamos depressa. Já perdemos tempo demais, eu tenho ritual aqui e te explico como usar durante o caminho até a casa de Aron — falou a maga, saindo apressada de casa e sem cumprimentar adequadamente a amiga.

— Tudo bem. Tenho tudo pronto para quatro dias de viagem aqui na mochila. Se racionarmos acho que dura um pouco mais. Acredito que será suficiente.

— Se não for a gente consegue comida e água pelo caminho. Preste bastante atenção, eu não posso entrar na casa então você terá que usar isso aqui sozinha — disse Sophia, retirando de seu manto uma espécie de bússola prateada com uma fita de seda azul amarrada. — Você só precisa deixar a ponta solta dessa fita encostar próximo ao ferimento. Então a bússola não apontará mais para o norte e começará a apontar para o nosso alvo. É bem simples.

— Tudo bem, acho que eu entendi.

As duas caminharam depressa e em silêncio por mais alguns minutos, até chegarem à casa de Aron. As ruas já estavam vazias àquela hora, portanto elas decidiram que seria melhor tentar entrar furtivamente na casa do que acordar os pais do jovem falecido. Eles talvez não entendessem o que elas estavam tentando fazer.

Sophia conjurou uma magia simples para aguçar seus sentidos. Já que não podia entrar na casa, ela se concentrou em fazer uma vigília eficiente a fim de permitir que a amiga se concentrasse totalmente na tarefa.



Kara não estava trajando sua armadura de placas e por isso surpreendeu a maga, mostrando-se bastante ágil e sorrateira. Quase como uma ladra.

Depois de alguns minutos, a jovem loira saiu da casa, retirou o item encantado do bolso e olhou com espanto para Sophia.

— Isso já deveria estar funcionando não é? — Perguntou ela, olhando para a bússola que agora apontava fixo para a maga.

— Sim. Quer dizer que ele deve estar nessa direção. Deixe-me ver.

No exato instante que Sophia pegou o objeto mágico, a agulha enlouqueceu e começou a girar com grande velocidade.

— O que aconteceu? Esse negócio está quebrado? Eu fiz exatamente do jeito que você pediu.

— Não sei. Nunca vi ele se comportar assim. Talvez o meu poder esteja dando algum tipo de interferência. Estranho, mas aquele ritual na caverna me mostrou ser algo possível. Segura aqui de novo.

Sophia era ainda muito inexperiente para entender exatamente o que aconteceu na caverna, mas ela descobriria anos mais tarde que não se tratou de uma interferência aleatória no ritual. Esse tipo de coisa realmente não existia.

Ela descobriria que seu sangue, derramado sobre o punhal, ao entrar em contato com as runas do altar, despertou uma criatura do Abismo e permitiu que ela atravessasse. Outro fato que também permaneceria sem explicação por mais algum tempo, até que ela soubesse de sua verdadeira descendência e isso explicasse o tamanho do poder mágico que ela carregava em seu sangue.

— Sophí, eu não acho que seja interferência dessa vez. Parece que essa coisa está apontando para você — falou a jovem guerreira tomando a bússola nas mãos e vendo que a agulha apontava fixa para Sophia.

— Mas como? Ela deveria estar apontando para aquele que utilizou a magia que matou Aron.

— Menina, afaste-se de Sophia. Nós queremos apenas ela — disse uma voz firme e imponente, chamando a atenção de ambas.

As jovens olharam e viram um homem alto, de pele escura, trajando um manto vermelho, que Sophia logo reconheceu como sendo um auxiliar da Academia de Magia. Ele estava acompanhado de três guardas da milícia local.

– Agora faz sentido, Sophi. Alguém armou para você. Esperem, isso é um engano.

– Afaste-se agora mesmo. Sophia é uma assassina perigosa e temos ordens para leva-la conosco. Viva ou morta.

– Eu não vou permitir! Tenho certeza que ela não fez isso! – Falou Kara, sacando sua espada e colocando-se entre a amiga e aqueles homens.

– Não Kara! – Gritou Sophia, com o pavor quase palpável em sua voz.

Ela sabia que os magos da academia de magia eram admirados pelo povo por serem muito honrados, honestos e educados, mas também que não eram conhecidos por sua paciência. Além de serem também um tanto quanto cruéis e assustadoramente inflexíveis, quando se tratava de obedecer ordens de seus superiores. Se eles realmente possuíam autorização para matá-la, caso oferecesse resistência, essa ordem com certeza seria estendida para todos aqueles que tentassem atrapalhar.

Poucas frações de segundo bastaram para provar que Sophia estava correta.

– Thuak Hoak Thukhar – falou o mago, enquanto gesticulava.

Ele apontou as mãos para Kara e raios saíram da ponta de seus dedos, eletrocutando a jovem e fazendo-a cair inconsciente. Ou talvez morta.

Sophia sentiu o pavor aumentar ainda mais dentro de si. Ela havia perdido os dois melhores amigos e agora ela própria seria a próxima vítima. Sem nem ao menos imaginar quem pudesse ter tramado tudo aquilo, nem por que.

Ela sentia um ódio e uma sede por vingança muito grande, por ver a amiga ser morta daquela maneira fria. Mas o medo era maior. A maga era ainda muito nova e inexperiente para enfrentar aqueles oponentes naquela situação, então o desespero tomou conta dela.

Sophia conjurou uma magia de luz para ofuscar a visão de seus oponentes e correu. Conjurando também uma forte magia de ar para levantar uma grande cortina de poeira, enquanto corria. Seu repertório arcano não era grande, mas desde as primeiras aulas ela sempre demonstrou uma facilidade muito grande em aprender a magia e utilizá-la de maneira criativa, extraíndo o máximo de seus recursos. Se não fosse essa sua habilidade inata, ela jamais teria conseguido

combinar aquelas duas magias de forma eficiente e ainda conjura-las naquela situação, com medo e correndo.

— Vamos! Não podemos deixa-la fugir — gritou o mago.

Os quatro homens ainda se recuperavam da surpresa inicial, mas avançaram sem hesitar pela cortina de areia, vendo as pegadas de Sophia na terra fofa e seguindo-as até um distância de aproximadamente cem metros. Depois disso, as pegadas simplesmente terminavam. Os três milicianos olharam para o alto confusos, procurando algo.

— Ela deve ter usado outra magia para encobrir seus rastros e nos confundir. Vamos continuar nessa direção, espalhem-se pelas ruas paralelas. Ela corre menos que nós e deve cansar bem mais rápido também — ordenou novamente o líder dos perseguidores.

Ele estava certo, eles eram homens adultos, portanto mais ágeis e mais fortes fisicamente. Contudo, ele estava errado ao deduzir que Sophia havia disfarçado seus rastros e seguido na mesma direção.

A maga aproveitou que seus perseguidores haviam perdido contato visual com ela, por conta da cortina de areia, e conjurou uma magia para saltar até o alto de uma casa próxima e correu por cima dos telhados, na direção de seus oponentes. Como estavam concentrados em atravessar o obstáculo mágico deixado por ela, nem notaram que a maga passou por eles na direção contrária. Agora, a cada segundo que passava, eles se distanciavam mais.



Sophia checkou a última das saídas da cidade, mas ela também estava fortemente vigiada pela milícia local e por magos iniciantes da Academia de Magia.

Aquela não era a melhor hora para sair da cidade. Ela precisaria esperar a chegada da manhã, para tentar esconder-se em meio aos viajantes e comerciantes que saíam e chegavam todos os dias.

Contudo, ainda faltavam algumas horas para o nascer do sol. E mais algumas até que as ruas tivessem movimento suficiente para Sophia circular com mais segurança. Ela precisava encontrar um lugar para passar a noite. A sua casa com certeza estaria sendo vigiada.

“A fazenda dos pais do garoto que a gente salvou” Pensou ela, já correndo na direção da fazenda e sentindo uma pontada de esperança.

O problema agora seria qual abordagem utilizar. Ela não sabia se a notícia havia se espalhado e não sabia se eles realmente seriam gratos após acharem que ela havia matado uma pessoa à sague frio. Ou talvez duas, já que a morte de Kara devia ter sido colocada em sua conta também.

O melhor que ela conseguia pensar naquela momento era em esconder-se. A fazenda era grande, o celeiro ficava distante da casa e ela talvez conseguisse ficar lá sem ser notada até a hora que precisava.



Os primeiros raios de sol entrando pelas frestas das paredes de madeira, aliados aos sons dos animais que já despertavam, acordaram Sophia de seu sono tenso e conturbado.

Ela apressou-se em desperdiçar todo o seu poder mágico em magias desnecessárias. Sophia conhecia bem o funcionamento dos rituais de rastreamento e sabia que assim, sem qualquer resquício de poder mágico, o alcance deles seria muito reduzido.

A maga permaneceu deitada no chão coberto de palha mais alguns minutos. Sabia que cada segundo perdido dentro da cidade aumentava a sua chance de ser capturada, mas tudo que havia dentro dela agora era tristeza. Uma tristeza profunda que substituiu a dor de perder seus amigos e o desespero de poder perder a própria vida.

Ela encontrava-se desolada, sem saber ao certo por onde começar o seu plano de fuga, quando um barulho quase inaudível na porta do celeiro fez com que despertasse de seu estado de torpor e corresse para a proteção de um monte de feno.

— Quem está aí? Saia sem fazer gracinhas ou eu te mato — falou o fazendeiro, com um machado em suas mãos, uma faca de caça em sua cintura e seu filho escondendo-se atrás dele.

O garoto passava perto do celeiro enquanto Sophia desperdiçava seu poder mágico e achou ter visto alguma coisa, quando o fraco brilho das magias dentro do prédio atraiu sua atenção. Ele espiou pela janela e viu que alguém

estava ali, apesar de não conseguir identificar as feições do invasor. Então correu para chamar seu pai, que deduziu tratar-se de um vagabundo qualquer.

Sophia pensou imediatamente em conjurar uma magia para distraí-los e criar uma chance de fuga, mas lembrou-se logo que estava sem poder mágico. Como também não possuía qualquer arma que pudesse usar contra eles, decidiu que sua melhor chance seria tentar apelar para a gratidão do fazendeiro e quem sabe até conseguir alguma ajuda.

— Eu não pretendo lhe fazer qualquer mal. Tenho certeza que já deve ter ouvido coisas ruins ao meu respeito, mas garanto ao senhor que foi tudo uma armação para me incriminar — falou ela, saindo detrás do monte de feno com as mão para o alto.

Por sorte, a notícia ainda não tinha se espalhado tão depressa quanto ela imaginava e o fazendeiro nada sabia sobre a relação dela com as mortes. Portanto, como ele também não conhecia sobre magia e acreditava que a jovem fosse muito poderosa, não seria difícil convencê-lo de que se ela o quisesse morto eles não estariam dialogando.

— Não sei do que está falando, mas eu sei quem é você. Lembro que você e seus amigos salvaram meu filho — disse o fazendeiro, abaixando a arma.

— Alguém matou os meus amigos e está tentando jogar a culpa em mim. O verdadeiro culpado já deve ter fugido da cidade, então estou me escondendo aqui enquanto penso em um plano para conseguir sair também e encontra-lo. Talvez assim possa limpar meu nome.

— Como assim? Os dois amigos que te ajudaram a resgatar meu filho? Mas vocês devem ser muito fortes, como alguém conseguiu fazer isso?

— Pegaram os dois de surpresa.

— Que coisa terrível. Eu vou te ajudar no que puder. Como disse, nossa família sempre será grata a vocês. Mas por favor tente não ficar aqui muito tempo, ou nós podemos ser condenados por ajudar uma fugitiva.

— Não pretendo demorar mais do que algumas horas. Só queria esperar até o horário de maior movimento de viajantes e mercadores para tentar me misturar a eles. É a minha melhor chance de passar despercebida.

— Sim. Você também precisa dar um jeito nessa sua aparência e nessas roupas. Acho que tenho algumas roupas velhas que podem te servir. Comece por

esse cabelo, enquanto eu procuro — falou ele, entregando a faca de caça para Sophia e deixando o celeiro.

A maga segurou os longos cabelos em uma espécie de rabo de cavalo e utilizou a faca para, em um único golpe, cortá-los bem próximo da nuca. Em seguida, ela tentou, sem muito sucesso, dar uma aparência melhor ao corte. Até que finalmente o homem voltou ao celeiro.

— Tome, vista isso. Sei que são apenas roupas velhas, quase trapos, mas é justamente o que você precisa. Acho que vai fazer você ficar com mais cara de viajante.

— Obrigada — respondeu ela, apanhando as roupas e se escondendo em um canto do celeiro.

Alguns minutos depois, Sophia retornou quase irreconhecível. Os cabelos bem mais curtos e o capuz jogado sobre a cabeça faziam com que ela se parecesse com um andarilho qualquer. À uma certa distância, era difícil até definir se tratava-se de um homem baixo, uma mulher ou uma criança.

O fazendeiro deu a ela também alguma comida e uma mochila velha, já que a sua mochila de aventureira não condizia com a personagem que estava tentando aparentar. Por fim, como ela não poderia contar com seu poder mágico até estar bem longe da cidade, a maga resolveu ficar com a faca de caça para sua proteção.

Sophia conseguiu sair tranquilamente da cidade. Ela percebeu que a movimentação dos soldados da milícia local estava bem agita e diferente da de costume. Contudo ela era bastante inteligente e não teve qualquer dificuldade em evita-los e misturar-se ao fluxo normal de pessoas.

Porém, mesmo dona de uma inteligência e atenção tão privilegiadas, Sophia não foi capaz de perceber a figura com trajes de viajante que também evitava os guardas e a seguia de longe. E, além disso, nem ela nem seu perseguidor conseguiram notar uma terceira figura que os seguia ainda mais afastada.



A maga seguia em meio a floresta, por uma trilha bem demarcada que levava para longe do pico do dragão, em direção à Calmriver. Ela caminhou por alguns dias, sempre esgotando seu poder mágico, tão logo ele começasse a retornar, em magias que ajudassem a ocultá-la ou apagar seus rastros. Até que finalmente

encontrou um vilarejo pequeno, onde aparentemente as notícias sobre ela não haviam chegado.

Ela acreditava estar segura. Acreditava ter conseguido despistar qualquer perseguidor. Mas não sabia que tinha apenas atrasado as duas figuras que abandonaram Thu H'ullum atrás dela.

Sophia ainda não havia descoberto mas, logo na manhã seguinte aos acontecimentos com a milícia, já havia um cartaz de recompensa pela sua cabeça. A jovem não imaginava algo assim, pois julgava ser um tanto quanto exagerado. Normalmente só se colocava cartazes de recompensa sobre aqueles criminosos muito perigosos ou que estavam há muito tempo escapando das forças da lei.

Os cartazes de recompensa ajudavam bastante a lidar com os tipos mais problemáticos, pois haviam aventureiros que ganhavam a vida como caçadores de recompensas e especializavam-se nesse trabalho. Sendo muito mais eficientes do que as milícias locais em rastrear e capturar criminosos.

No caso de Sophia, a milícia de Thu H'ullum foi tão rápida em apelar para esse tipo de procedimento por conta da pressão exercida pelos altos magos da academia local. Eles conheciam a força de Sophia melhor que ela própria e sabiam que, se a jovem resolveu ir para o caminho das trevas, era bom que a eliminassem logo. Antes que conseguisse aprender a dominar todo aquele poder.

— Boa tarde, bela andarilha. Você parece bem cansada. Eu sei o que você precisa. Uma noite de sono no nosso melhor e mais confortável quarto. Vai te custar apenas uma moeda de prata — falou o dono da pousada, parado na porta enquanto via Sophia caminhando pela rua.

Ainda nem havia começado a noite, mas a maga nunca andou por tanto tempo em um ritmo tão forçado. Sem falar que toda a tensão e medo de ser atacada a qualquer momento ajudaram a esgotar rapidamente suas energias. A oferta foi tentadora demais.

— Sim eu vou ficar com o quarto — respondeu com um sorriso.

Ela deixou a moeda com o homem já na entrada e subiu as escadas com o pouco da energia que lhe restava. Trancou a porta e fechou bem todas as janelas. O quarto não era tudo que o dono da estalagem havia prometido e não valia uma moeda de prata, mas esse pensamento veio à cabeça de Sophia tão rápido quanto

desapareceu. Ela estava cansada demais para reclamar preços e o colchão macio foi tudo que ela precisou para cair no sono em menos de um minuto.

O preço do quarto era realmente questionável, mas com certeza pareceria justo se ela pensasse sobre o preço da recompensa. 100 moedas de ouro. A jovem definitivamente não concordaria que ela própria representava um desafio digno de tamanha recompensa. Contudo, assim como com o quarto, ela não pensaria muito em questionar o valor da recompensa. O poder e a habilidade dos caçadores que ela atrairia seria um problema muito mais urgente.



O barulho de metal na fechadura era baixo demais para que Sophia pudesse acordar de seu sono. Pouco tempo depois a maçaneta girou devagar e a porta se abriu quase sem fazer barulho. Um homem encapuzado entrou no recinto esgueirando-se. Seria uma morte rápida e fácil, não fosse por um detalhe simples que o caçador de recompensas desconhecia. O que aconteceu na caverna quando a jovem tentava salvar o filho do fazendeiro.

— Eu não pretendia matar ninguém hoje. Fiquei preocupado com o estado desse corpo, então decidi deixa-lo descansar e se recuperar essa noite. Mas já que você veio até aqui, acho que não vai fazer mal dar um fim a sua vida. Faço isso em poucos minutos e retorno para a cama — falou Sophia, sem se levantar, mas com uma voz grave e ameaçadora que não pertencia a ela.

O caçador ficou completamente paralisado com aquilo e quando finalmente recuperou-se da surpresa, já era quase tarde demais. Sophia desapareceu da cama em meio a uma forte luz violeta e reapareceu atrás do sujeito. Ele virou-se o mais rápido que pôde, golpeando com sua espada curta, mas uma explosão de energia violeta atingiu-o e o homem encapuzado voou pela janela. Aterrissando pesadamente no chão da rua.

A pousada possuía apenas um andar acima do térreo, portanto a queda e a força da magia não foram suficientes para matar o caçador de recompensas, mas ele estava ferido o suficiente para saber que não lhe restava outra opção a não ser tentar uma fuga.



Ele levantou-se e tentou correr, mas um brilho violeta a sua frente ofuscou sua visão por um instante e revelou a maga com uma expressão sombria em seu rosto.

— O que diabos é você?

— Essa é uma excelente pergunta e eu adoraria responde-la, mas seria perda de tempo. Você não entenderia.

Depois dessas palavras, Sophia conjurou uma lâmina de energia violeta e atravessou o coração de seu oponente. Antes do corpo inerte tocar o solo, ela já havia conjurado outra magia. Dessa vez uma barreira de energia em suas costas.

O poderoso martelo de guerra de duas mãos chocou-se contra a barreira, despedaçando-a em um pequeno pulso mágico.

— Temos uma arma mágica. Tudo bem, acho que você conseguiu minha atenção. Parece ser mais interessante do que esse que eu acabei de matar.

— Criatura do Abismo, em nome de Lance, eu ordeno que liberte o corpo dessa jovem — disse um homem alto, encapuzado e segurando o pesado martelo de guerra.

— Nem tente, eu vou te matar antes de você conseguir usar seus poderes sagrados contra mim, paladino — disse Sophia, tremendo levemente com a força das palavras do estranho.

Ela arremessou uma esfera de energia violeta em direção ao seu oponente, mas ele golpeou com o martelo e a desfez em um forte brilho.

— Em nome de lance, eu ordeno que liberte o corpo dessa jovem! — Gritou ele com o martelo erguido sobre a cabeça.

— Thukhar Hokhar — disse ela, fazendo uma grande onda de energia violeta avançar na direção do paladino.

Ele bateu com o cabo do martelo ao solo e uma redoma de energia dourada surgiu em volta dele, protegendo-lhe completamente do ataque.

— Pela última vez, criatura infernal. Em nome de Lance, eu ordeno que liberte essa jovem! — Gritou ele, batendo forte o martelo contra o solo.

Uma explosão de luz surgiu do golpe, ofuscando Sophia, o paladino e alguns aldeões que haviam acordado com o barulho e assistiam a cena pela janela de suas casas.



Sophia abriu os olhos, mas a forte luminosidade obrigou-a a fechá-los novamente. Aos poucos sua vista se acostumou com a luz e o choque foi imediato. Ela não estava no quarto da pousada onde adormecera, mas sim em meio à uma mata semicerrada, recostada sobre uma árvore.

A maga procurou por qualquer sinal de perigo, até que avistou um homem sentado acerca de cinco metros dela. A pesada armadura e o grande martelo de guerra logo o identificaram como a figura misteriosa da noite anterior. Sophia congelou e fingiu ainda estar desacordada.

— Não tema, minha jovem. Não pretendo lhe fazer mal.

Sophia ainda estava desconfiada, mas raciocinou por um instante e chegou à conclusão de que se ele a quisesse morta, ela já estaria. Então realmente não havia o que temer.

— Quem é você? O que eu estou fazendo aqui?

— É, acho que vou ter que começar do básico. Pelo visto você não tem consciência da própria situação — disse ele, levantando-se de onde estava e caminhando para próximo dela.

A maga pode então perceber que ele estava preparando algum tipo de sopa em uma fogueira. Parecia ainda de manhã e essa era a melhor hora para se preparar a comida em uma fogueira, já que a brisa da manhã dissiparia a fumaça e a luz do sol disfarçaria o brilho da fogueira. Fosse quem fosse, pelo menos Sophia pode perceber que ele sabia o que estava fazendo e sabia que ela preferia manter seu paradeiro em sigilo.

— Desculpe, mas eu realmente não entendi do que você está falando.

— Eu estou falando do seu atual estado. Eu me chamo Klauss, sou um paladino de Lance e havia abandonado Thu H'ullum com o objetivo de receber a recompensa que foi instituída pela sua cabeça.

— Entendo. Acho que não preciso me apresentar então. E concluo que se ainda estamos tendo essa conversa é por que de alguma forma você desistiu de seu objetivo inicial, estou certa?

— Sim, está. Vejo que é tão fria e perspicaz quanto é bela. Mas elogios à parte, acredito que você ainda não desconfia do seu real estado.

— Olha, eu realmente não sei do que está falando. O que sei sobre a minha situação é que fui incriminada pela morte de meus melhores amigos e preciso encontrar o culpado por isso, se quiser ter a minha vida de volta.

— Eu diria que é um pouco mais complicado que isso. Só não sei se você está pronta para saber a verdade.

— Sim, claro que estou. Meus amigos morreram e eu quero justiça.

— Então tudo bem. A verdade é que você está sob influência de uma poderoso demônio do Abismo. Não sei como isso aconteceu, nem que tipo de magia de invocação você ou seus amigos pretendiam realizar, mas essa criatura conseguiu atravessar para o nosso mundo e se apossou do seu corpo.

Sophia ficou surpresa, assustada e confusa, mas logo veio à sua mente a memória do resgate do garoto. Ela recordou daquele ser assustador que apareceu na caverna, aquele cujo qual ela pensou ter destruído.

— Sim, acho que faz sentido. Há alguns dias, eu e meus amigos fomos a uma caverna resgatar o filho de um fazendeiro. Ele havia sido sequestrado para servir de sacrifício em um ritual de invocação. Nós encontramos algumas Aves do Abismo na região, então com certeza se tratava de algum ritual que manipulava as forças do inferno.

— É, agora está explicado. Acredito que sei que criatura é essa e sei como te ajudar. Quando percebi que você não era uma criminoso e que na verdade seus crimes foram cometidos sob influência desse demônio, eu observei melhor o seu comportamento e relembrei um pouco de meus estudos sobre as forças do Abismo. Como paladino de Lance, é meu dever te ajudar a enfrentar essa criatura.

— Eu agradeço muito. Está difícil encontrar pessoas dispostas a me ajudar atualmente. Mas afinal, que tipo de monstro é esse? Por que ele ainda não apareceu para impedir nosso plano de destruí-lo?

— Por que ele não pode. Eu tenho quase certeza de que estamos lidando com um Senhor dos Sonhos. Eles são uma classe de demônios normalmente inofensiva, pois tem poucos poderes em nosso plano e agem normalmente utilizando outros demônios em nosso plano como ponte. Contudo, o máximo que eles conseguem fazer geralmente é causar sonhos ruins e impedir a capacidade da pessoa de descansar adequadamente durante o sono. Eles atuam muito mais no suporte à

covis de demônios em nosso mundo, minando as forças daqueles que tentam invadir tais lugares.

— Mas então, por que você disse que essa criatura do Abismo é responsável pela morte de meus companheiros?

— Por que algo saiu muito errado nesse tal ritual que vocês tentaram impedir. O necromante que o realizava deve ter inadvertidamente adicionado algum componente de grande poder mágico à fórmula, já que é extremamente difícil trazer um demônio desses para o nosso mundo. É mais difícil ainda controlá-lo. Nenhum mago das trevas, por mais insano que seja, tentaria invocar essa criatura. Então com certeza foi um acidente — ele disse, fazendo uma breve pausa e olhando sério nos olhos de Sophia antes de prosseguir. — Mas o que importa é que ele está entre nós e toma o controle do seu corpo toda vez que você dorme. Eu consegui controlá-lo por essa noite, porém não sei se consigo fazer isso de novo.

— Então você quer dizer que essa criatura assumiu o controle e me obrigou a matar meu próprio amigo? — Sophia sabia que essa era a resposta. Que isso explicaria o porquê do seu poder mágico ter sido encontrado na cena do crime.

— Exatamente isso. E você continuará matando enquanto não se livrar desse demônio.

Por um momento a mente de Sophia viajou de volta às lembranças de seus melhores amigos, agora mortos. Ela esqueceu a urgência de sua condição e uma tristeza bastante grande fez com que tudo parecesse sem importância.

— Acho que você já entendeu o que está acontecendo e precisa de um tempo para conversar consigo mesma. Eu estarei logo ali terminando a nossa refeição, quando achar que está pronta, venha para comermos e conversamos sobre como se livrar desse demônio.

A maga ouvia as palavras de Klauss, mas sua mente não processava efetivamente o seu significado. Ela apenas concordou com a cabeça e voltou aos seus devaneios.

Eles comeram em silêncio e algum tempo se passou até que finalmente Sophia decidiu iniciar uma conversa.

— Então me diga, como nos livramos dessa coisa?

— Que bom que você está pronta para isso. Vai ser um pouco complicado e na verdade eu não posso te ajudar na primeira parte do processo. Nós precisamos de

uma poderosa relíquia que se encontra em um templo de Eleonor não muito longe daqui. No máximo dois dias de caminhada. Eu acho que tenho um mapa por aqui — respondeu o paladino, abrindo sua mochila.

— Sim, um mapa vai ser útil. Mas por que você disse que não pode me acompanhar?

— Por que é um templo de Eleonor, a Deusa da Cura, a força de Lance não teria influência lá, então eu não poderia utilizar meus poderes.

— Mas Eleonor é uma deusa boa, assim como Lance. Nós não precisaremos dos seus poderes lá dentro, se explicarmos aos clérigos o que está acontecendo, eles certamente vão nos ajudar.

— Esse é justamente o problema, não existem clérigos por lá. O templo foi tomado por alguma espécie de força maligna, acredito que vinda do Abismo. O único jeito de conseguir a relíquia de volta é invadindo o templo e derrotando o demônio que controla o lugar.

— Tudo bem, entendi. E depois que eu estiver com a relíquia, o que eu faço?

— Apenas saia do templo, eu estarei aguardando do lado de fora. Pode ficar tranquila que a parte do ritual de exorcismo será comigo.

— Tudo bem, esse papo de exorcismo me deixa nervosa, mas me parece que temos um plano.



O sol lançava seus últimos raios de luz no horizonte, ao fim do primeiro dia de caminhada. Sophia e Klauss preparavam-se para montar acampamento. Mesmo que tivessem pressa para chegar ao seu destino, viajar a noite era perigoso demais para que se arriscassem. Alguns monstros perigosos da área se tornavam muito mais ativos naquele horário e a falta de visão proporcionada pela noite só aumentava o risco de sofrerem uma emboscada.

— Eu sei que é mais perigoso caminhar durante a noite, mas tem certeza que perder tempo aqui não é pior ainda? — Perguntou Sophia.

— Entendo que você queira chegar logo, mas sem um elfo ou anão para ver no escuro por nós, acredito que perderíamos o nosso rumo nas primeiras horas de caminhada.

- Tudo bem, você tem razão, só estou um pouco ansiosa. Preciso me livrar logo dessa criatura e sei que quanto mais tempo passar, mas difícil vai ser me manter acordada.
- Nós ganhamos bastante terreno hoje, nesse ritmo chegaremos ao templo amanhã no final da tarde. Sei que você consegue ficar acordada até lá.
- Espero que você esteja certo. Foi você mesmo que disse que talvez não consiga deter esse demônio uma segunda vez.
- Eu realmente acredito nisso. Assim como acredito que não conseguirei lutar contra todo o seu poder. Da primeira vez, eu consegui deter esse demônio por que consegui fazer com que ele perdesse o controle do seu corpo, mas sem isso eu não seria capaz de te derrotar, mesmo você sendo apenas uma garota. Você tem um poder mágico incrível e esse monstro tem o conhecimento necessário para usar todo esse potencial.
- Entendo, mas tem uma outra coisa que tem me perturbado.
- Sinta-se à vontade para me dizer o que é.
- Por que os clérigos e paladinos não se reagruparam e retomaram o controle do local? Se um templo que deveria ter uma meia dúzia de clérigos e paladinos não conseguiu derrotar essa tal força sombria, você acha mesmo que eu seria capaz?
- Quanto a isso não podemos ter certeza, mas o motivo dos devotos de Eleonor não terem retornado é que essas criaturas são quase imunes às magias divinas.
- Como assim? Normalmente as criaturas do Abismo tem uma boa resistência física e alguns até uma resistência à magia arcana, mas magias divinas sempre foram a sua fraqueza.
- Exatamente. Parece que esses demônios estão recebendo poder de algum outro lugar além do Abismo, portanto eles são quase imunes a magias divinas e danos físicos. Somente a magia arcana parece funcionar com eles.
- Então espero que meu poder seja suficiente — disse a maga, com um sorriso nervoso nos lábios.
- Ele será. E você não precisa poupá-lo, com toda a aura de trevas que tomou conta do lugar, duvido que os magos da sua antiga academia sejam capazes de superar a interferência gerada e te rastrear tão longe.

— Isso é bom, mas de qualquer forma eu não conseguirei recuperar todo o meu poder mágico se não dormir durante a noite. Uma noite inteira acordada vai ser péssimo para minha capacidade de combate.

— Eu tenho aqui a faca que estava com você. Se utilizar uma magia para encantá-la temporariamente acho que você consegue usá-la para ferir as criaturas e economizar algum poder mágico.

— É acho que essa é a minha melhor opção.

Os dois continuaram conversando por mais algum tempo e a maga começou a apresentar sinais de cansaço. Quase cochilou algumas vezes, mas foi despertada por Klauss. Ele percebeu que não seria uma boa ideia dormir naquela noite, portanto começou a pensar em formas de se manter acordado e de manter sua companheira também acordada.

O paladino assustou-se quando Sophia cochilou brevemente durante uma das várias conversas que insistiram em manter, afinal se ficassem em silêncio seria ainda mais fácil de serem vencidos pelo sono. Como não passou de um cochilo rápido, o Senhor dos Sonhos que possuía o corpo da jovem não teve tempo suficiente para assumir o controle.

Klauss precisava de uma maneira mais eficiente de manter a jovem maga acordada, portanto decidiu ensinar a ela algumas técnicas básicas de combate com faca. Um exercício mais dinâmico deveria ser suficiente para mantê-los acordados e vivos, além do que seria algo útil para Sophia. Não haveria tempo de torná-la realmente habilidosa com a faca, mas era melhor do que nada.



Restava apenas mais duas ou três horas de luz quando eles avistaram o templo, Klauss calculou ao observar a posição do sol em relação ao horizonte.

Ele usava uma técnica simples, mas bastante útil, aprendida com um Ranger seu amigo. Bastava, com o punho cerrado, esticar os dedos mindinho e indicador deixando-os paralelos entre si e medir, com um dos olhos fechados, quantas vezes essa distância se repetia entre o sol e a posição aproximada onde ele deveria se por. Para cada vez que essa distância se repetisse ele poderia contar que ainda teriam de quarenta e cinco minutos à uma hora de luz, dependendo da época do ano e do local do Reinado onde se encontravam.

– Chegaremos bem no início da noite. Você acha que chegará em condições de prosseguir ou precisa parar para descansar?

– Não posso dizer exatamente que estarei em condições, mas parar com certeza não é a melhor opção. Está ficando cada vez mais difícil me manter acordada.

– Certo. Vamos continuar então.

Eles caminharam por mais quatro ou cinco horas, até finalmente chegarem ao templo de Eleonor. Era um edifício de alvenaria alto, com o telhado arredondado e com uma escultura no topo. A escultura apresentava uma espécie de totem formado por vários animais, alguns aquáticos na base, seguidos por alguns terrestres e terminando com aves no topo. Certamente aquilo representava Eleonor, que também era conhecida como protetora da natureza e de todas as formas de vida.

– Agora é com você. Estarei esperando aqui para quando você retornar com a relíquia. Eu não sei exatamente como ela se parece, mas estará na parte mais profunda do templo e você saberá quando encontrá-la. Segundo o que contam, eu tenho certeza que você será capaz de sentir o poder daquele objeto mágico facilmente.

– Achei que você soubesse exatamente o que era.

– Na verdade, não. Essa relíquia é cercada de lendas. Poucos sabem que ela existe e desses poucos a maioria a ignora, mas eu conheço um clérigo que era responsável por esse templo e ele me garantiu que ela realmente tem poderes incríveis.

– Bom, eu presumo que pelo menos ela tenha te ensinado como utilizar esses poderes então.

– Eles ainda não sabem como usar corretamente todo o potencial desse objeto mágico, mas meu amigo me garantiu que já curou muitas doenças com rituais comuns que não deveriam funcionar para aqueles tipos de enfermidades. Existem alguns relatos até de pessoas que foram curadas apenas por tocar a relíquia.

– De verdade, espero que não tenhamos perdido tempo. Eu preciso mesmo me livrar dessa criatura maldita. Acho que estou nova demais para ser dominada por uma entidade do Abismo.

– Sei que parece muita superstição, mas você precisa acreditar. Esse meu amigo é muito confiável e jamais mentiria para mim. Além do que, as vezes, quando existe



tanta contradição quanto a existência de alguma coisa em templos divinos, é porque os clérigos estão empenhados em não permitir que outras pessoas de fora do culto descubram essa coisa.

— Tudo bem, apesar de a minha mente treinada pelas teorias arcanas duvidar de tudo que não é racional e lógico, eu consigo entender que é a minha melhor opção.

Sophia despediu-se de Kaluss e caminhou até a entrada do templo. As portas estavam parcialmente quebradas, demonstrando sinais de que houvera um combate feroz por ali.

A maga sacou sua faca de caça e sussurrou algumas palavras mágicas enquanto realizava gestos precisos com a outra mão.

— Zohem Lokhar Thuak

A magia conjurada por Sophia era bastante simples, uma das primeiras aprendidas pelos magos em todas as escolas. Ela usava a força de algum elemento para encantar temporariamente uma arma, aprisionando o poder mágico do conjurador enquanto a magia durasse, a fim conceder propriedades mágicas ao item encantado.

A arma se tornaria mais poderosa quanto maior fosse o domínio do conjurador sobre o elemento usado. Seria possível também ferir criaturas que naturalmente seriam imunes à armas mundanas, como tentar usar uma espada comum para atacar um fantasma.

Observando com atenção, era possível perceber uma estranha e veloz corrente de ar que agora circulava ao redor da lâmina.

— Hoak Akthu — sussurrou Sophia, antes de uma esfera de luz surgir acima de sua cabeça.

O grande hall do templo possuía quase quatro metros de altura e apoios para tochas em suas paredes e pilastras, mas todas estavam apagadas a bastante tempo e o local estaria imerso em completa escuridão não fosse pela magia da jovem.

Ela caminhou com cautela até a grande porta dupla no final do salão. Seus ouvidos estavam atentos à qualquer ruído, por menor que fosse, mas ela só conseguia ouvir o eco de seus passos sobre o chão duro de blocos de pedra bruta.

As imensas pilastras e paredes pareciam também construídas de blocos de pedra bruta, unidos habilmente por algum tipo de mistura natural. Era comum que

os templos de Eleonor tivessem esse aspecto mais rústico e natural, evitando sempre os adornos desnecessários e a abundância de materiais processados.

A enorme porta era feita de madeira maciça e, devido ao seu peso, Sophia teve dificuldade para abri-la, apesar de não estar trancada ou bloqueada por qualquer coisa.

Diante dela, surgiu uma extensa galeria, com portas de ambos os lados e uma escada ao final que levava para o nível inferior do templo. Algumas portas estavam fechadas, outras escancaradas e algumas parcialmente destruídas. Os pedaços de madeira encontravam-se por toda parte e havia machas de sangue no chão e nas paredes, mas sem corpos.

Ela caminhou com mais cautela, tentando não fazer barulho e, usando da força de sua vontade, fez com que sua magia emitisse uma luz consideravelmente mais fraca, bastando apenas para iluminar fracamente o caminho por onde a jovem andava.

Era possível sentir uma presença sinistra no ar enquanto ela adentrava o sombrio corredor. Não era apenas um terror comum. Sophia já havia estado próxima de criaturas do Abismo e magia proibida, mas dessa vez havia algo mais na aura odiosa e profana que enchia o lugar. Havia a presença de um horror ainda mais poderoso que os horrores do Abismo. Era esse mal que havia trazido as criaturas para o templo e que agora as controlava.

“Ele tinham razão. As criaturas do Abismo estão retirando seus poderes de alguma outra fonte.” Pensou a maga.

Um fraco som retirou Sophia de seus devaneios sobre a origem e a natureza de seu inimigo. Um som tão fraco que não foi entendido em um primeiro momento, que poderia muito bem não ter passado de um produto da imaginação excitada da jovem maga. Contudo, alguma coisa naquele som gerava uma implicação perigosa que o cérebro de Sophia tentava interpretar.

“Passos!” Ela pensou, assustada, imediatamente aumentando de novo a luz emitida pela sua magia e vendo a criatura que caminhava para fora de um dos cômodos. Era um demônio humanoíde comum. Constituição de um homem magro e alto, pele avermelhada, totalmente destituído de pelos, dentes pontiagudos, olhos amarelos cintilantes, garras nas mãos e nos pés e um par de chifres negros saindo

de sua testa. Um tipo feio, mas não muito perigoso. Um dos demônios mais comuns e mais fracos dentre as criaturas do Abismo já catalogadas.

O monstro correu na direção de Sophia e tentou um ataque com suas garras. Apesar da pouca experiência dela em combate corpo-a-corpo, ela possuía bons reflexos e conseguiu desviar-se passando por baixo do braço de seu oponente ligeiramente mais alto. Foi possível sentir pouquíssima resistência quando a lâmina encantada perfurou e rasgou a carne da criatura em um contra-ataque bem sucedido.

O demônio gritou de dor, mas não em uma voz humana. Era algo como um urro de animal, porém muito mais horrível e maligno.

O ferimento não foi fatal, mas pareceu bastante sério, já que o segundo ataque do monstro foi bem mais lento e fácil de revidar. Contudo, antes que Sophia pudesse derrotar definitivamente seu inimigo, outros dois demônios idênticos saíram de outros dois cômodos.

A galeria não era grande o suficiente para que eles conseguissem flanqueá-la ou passar por ela e atingi-la pela retaguarda. Mesmo para dois deles lutarem lado a lado o espaço já causaria alguma dificuldade, portanto Sophia decidiu recuar alguns poucos passos e manter posição. Se ela recuasse até o imenso Hall seria muito mais difícil combater os três inimigos.

— Makzo H'ullum Hokhar — disse Sophia em voz alta, conjurando uma armadura de energia violeta em torno de si.

A batalha logo se tornou mais perigosa, porém Sophia recusava-se a gastar seu poder mágico em ataques contra criaturas menores como aquelas. A armadura ajudava a resistir eventuais ataques que não pudessem ser evitados e a faca encantada parecia estar funcionando bem. Ela sabia que precisaria de suas magias mais poderosas se quisesse derrotar o que quer que estivesse realmente controlando o lugar.

Tudo parecia estar sob controle, até que um novo acontecimento abalou a relativa tranquilidade de Sophia. Mais criaturas começaram a chegar subindo as escadas que davam para o nível inferior. Os números aumentavam rapidamente, tornando a estratégia de Sophia inviável. Ela se cansaria muito antes de derrotar metade de todos aqueles monstros, mas utilizar uma magia de ataque para derrota-

los também estava fora de cogitação, já que acertar tantos alvos exigiria uma grande quantidade de poder mágico.

A mente da maga procurava desesperada por uma solução, quando uma ideia desesperada surgiu. Ela lembrou que a estrutura usava de técnicas arcaicas e naturais em sua construção, portanto não deveria ser muito resistente. Com tal conclusão fixa em sua mente, ela saltou para trás, virou-se e correu para o hall o mais rápido que conseguiu. Ao chegar na enorme porta dupla de madeira, Sophia virou-se e conjurou duas explosões mágicas poderosas, uma no teto a frente das criaturas e outra na mesma altura próximo das escadas.

O deslocamento de ar lançou-a com as costas sobre o duro chão de pedras, mas seu plano parecia ter funcionado. As criaturas ficaram todas presas no corredor.

Sophia levantou-se, sentindo já os sinais do cansaço. Agora ela precisaria pensar em uma outra forma de acessar o nível inferior do templo, onde provavelmente estaria guardada a relíquia que a salvaria.

Enquanto pensava, uma estranha sensação chegou até seus sentidos. Era difícil dizer se era um som ou se era outra coisa. O evento era ritmado e parecia aumentar a cada vez que se repetia, até que ela finalmente identificou o que era. Algo estava pulsando no interior da construção e espalhando vibrações por toda a estrutura de pedra.

A maga pensou em conjurar “identificar magia” para saber se alguém abaixo dela estava preparando algum tipo de magia de ataque, mas o incrível e vil poder que habitava o nível inferior se fez presente sem necessidade de conjurações especiais. As trevas eram tão fortes que eram quase palpáveis.

Uma explosão abriu o solo abaixo da maga e com certeza, se não estivesse vestindo uma armadura arcana da mais forte que ela pode conjurar, ela não teria sobrevivido à queda.

Sophia levantou-se com dificuldade, ainda meio atordoada. Diante dela estava uma grande criatura humanoíde de cerca de quatro metros de altura, asas esqueléticas saindo de suas costas, dois tentáculos escamosos no lugar de cada braço e com uma massa disforme de carne, chifres e presas no lugar onde deveria haver uma cabeça.

O monstro emitiu um som horrendo e atacou a maga com os tentáculos. Sophia tentou desviar-se e contra-atacar com a faca de caça, mas o monstro agarrou a arma e retirou-a das mãos da jovem.

Um leve brilho deixou a lâmina e foi absorvido pela cabeça do demônio, antes que ele largasse a faca no chão, sem qualquer vestígio da magia que Sophia havia usado sobre a arma.

“Um Devorador de Mana! Mas por que ele está com mais do que o dobro do tamanho normal? Será possível que ele conseguiu absorver todo o encantamento da relíquia? Ela teria que ser muito poderosa para que ele crescesse tanto. Ela deve estar destruída agora.” Pensou Sophia, antes que outra investida do monstro a tirasse de seus devaneios.

Ela desviou-se com certa facilidade, uma vez que o demônio não era muito ágil. Porém, a cada pancada que ele errava, lascas de pedra eram arrancadas do chão e das paredes.

A maga precisaria pensar muito antes de realizar cada movimento. Os Devoradores de Mana são um tipo de demônio do Abismo que conseguem absorver poder mágico para se tornarem mais fortes, portanto se ela não fosse rápida em seus ataques, a criatura poderia facilmente inutiliza-los e absorvê-los.

Um plano surgiu em sua mente e a jovem correu em direção a criatura. Quando o monstro levantou os tentáculos para atingi-la de cima para baixo com toda a sua força, ela deslizou por entre as pernas da enorme criatura e parou atrás do monstro, com as costas coladas ao solo e a retaguarda livre de seu inimigo à sua frente.

— Thukar akthu hot'har — ela disse em voz alta, conjurando uma grande bola de fogo na direção das costas desprotegidas da criatura.

A magia foi conjurada com um sorriso de triunfo no rosto da maga, mas logo essa expressão foi substituída por uma de surpresa e desapontamento, quando um dos tentáculos se moveu e colocou-se na frente do poderoso ataque. A magia desapareceu e Sophia novamente pode ver o fraco brilho em torno da cabeça do seu inimigo.

O Devorador de Mana atacou novamente, dessa vez, um pouco mais forte e mais ágil do que antes. Sophia ainda conseguia desviar dos ataques, mas eles passaram bem mais próximos agora.

A maga tentou contra-atacar utilizando vários mísseis mágicos de pura energia violeta, contudo a criatura parecia ser bastante inteligente e sempre que atacava com seus tentáculos, deixava que um deles ficasse em posição de defender as magias lançadas por Sophia.

Ela observava com uma expressão cansada em seu rosto, mas sua mente já traçara um novo plano e bastava apenas mais uma informação para ter certeza de que ele iria funcionar.

A maga olhou com determinação para o demônio e, estendendo ambas as mãos na direção de seu oponente, lançou contra ele uma saraivada de incontáveis pequenos mísseis mágicos. Contudo, eles não pareceram surtir qualquer efeito contra a criatura.

“Então é isso! Ele parece absorver a energia pela cabeça, mas na verdade é o toque dos tentáculos que transforma qualquer magia em algo que ele possa aproveitar. O restante do corpo é vulnerável.” Pensou ela, observando a forma como a magia reagiu ao se chocar contra as diversas partes do corpo da criatura, inclusive a cabeça. Um ataque dividido daquela forma era capaz de acertar as partes vulneráveis, mas os tentáculos cobriam uma área tão grande que era impossível causar algum dano com um ataque desses.

— É, o plano vai funcionar. Pode ser que eu não saia viva, mas de qualquer forma eu acho impossível que qualquer relíquia desse mundo tenha energia suficiente para deixar essa coisa desse tamanho, sem ser destruída — falou Sophia a ninguém em especial, antes de correr a toda velocidade na direção de seu inimigo.

O monstro aguardou até que ela se aproximasse e atacou com toda a força. Ela desviou do ataque utilizando uma forte rajada de vento para se lançar acima de seu inimigo, aterrissando sobre a cabeça deformada do Devorado de Mana. Ela encostou as mãos no que seria o rosto da criatura e suspirou profundamente.

— Volte para o Abismo e nunca mais saia de lá, criatura maldita!

O monstro, surpreso sem entender ainda o que havia acontecido, ficou paralisado por alguns poucos instantes, até que uma violenta explosão consumiu todo o poder mágico de Sophia e arremessou-a para longe.

A armadura arcana conjurada antes pela maga se desfez, mas salvou-lhe a vida novamente.

Sophia estava desorientada, mas esforçava-se para levantar. Ela precisava ver se realmente seu inimigo havia sido derrotado. Então ela ficou de pé, escorando-se em uma parede próxima e viu o corpo gigantesco e inerte caído no chão. Viu também, agora com mais calma, o aposento em que se encontrava.

Tratava-se do nível interior do templo, um espaço reservado para as cerimônias especiais, envolvendo apenas os membros mais importantes daquela casa de Eleonor. Um ambiente bastante parecido com o hall na entrada, mas com um pedestal ainda intacto em uma parede.

Sobre o pedestal estava um galho seco de aproximadamente dois metros, com algumas ramificações na parte superior, estranhamente ainda ostentando algumas folhas verdes.

Ela ficou impressionada com a aura que podia sentir emanando daquele objeto. Era inacreditável que, depois de o demônio absorver toda aquela energia, a relíquia ainda possuísse tamanho poder.

Sophia cambaleou até o objeto mágico, pensando na magnitude da força do criador de tal item. Se já era difícil conceber um objeto tão poderoso, mais difícil ainda seria conceber um mortal cujo poder fosse várias vezes superior àquela.

Ela tocou a relíquia e um forte tremor percorreu todo o templo, fazendo-a desequilibra-se e cair sentada.

O restante do pavimento de cima começou a desmoronar e as paredes começaram a encherem-se de profundas rachaduras. Sophia sentiu algo dentro de si. Uma poderosa energia invadindo seu corpo e devolvendo a ela parte da força que precisaria, se quisesse não ser soterrada.

Ela levantou-se rapidamente e tentou pegar a relíquia, mas uma grande pedra caiu bem na sua frente, fazendo-a recuar alguns passos. Logo várias outras pedras começaram a cair e a jovem maga percebeu que, se não saísse dali imediatamente, não teria outra chance de fazê-lo.

Sophia correu com fôlego renovado, mas ainda sentindo as consequências do duro combate. Escalou os escombros do primeiro desmoronamento para chegar ao pavimento de cima e chegou à saída pouco antes de toda a estrutura desabar por completo.

- Grande Lance! O que foi que aconteceu ali dentro? Você está bem? — Perguntou Klauss, correndo em direção a maga, que desabou exausta tão logo afastou-se do templo.
- Eu não sei. Acho que vou sobreviver. Eu consegui encontrar a relíquia, mas ela ficou lá embaixo. A coisa toda desabou assim que eu a toquei.
- Precisamos pensar em um jeito de desenterra-la então.
- Não sei se vai ser preciso. Eu senti uma energia diferente ao tocá-la. Será que você não pode usar seus poderes de paladino para descobrir se o Senhor dos Sonhos ainda está aqui?
- Sim eu posso. Mas é difícil que uma criatura assim tenha sido expulsa só de você tocar no objeto mágico, por mais poderoso que ele se... — Disse Klauss, interrompendo seu discurso abruptamente ao tocar a testa de Sophia. — Ele se foi. Não sei como isso é possível, mas ele se foi.
- Eu disse. Aquilo era muito poderoso. Não foi um mago ou clérigo comum que criou aquilo. Era como se houvesse uma consciência naquele objeto mágico, como se ele fosse ainda uma parte de seu criador e tivesse a vontade de permanecer enterrado nesse local.
- Existem muitas coisas e muitas formas de existência que nós não entendemos ainda. Mas o que importa é que você está bem e livre para reconstruir sua vida assim que se recuperar da batalha.
- É, estar livre de uma possessão demoníaca é realmente uma sensação boa — brincou a jovem, sorrindo. — Mas eu acho que não vai ser tão fácil assim voltar para minha antiga vida. Agora, sem o demônio causador disso tudo e sem qualquer testemunha do que aconteceu no templo, vai ser um pouco difícil de conseguir provar minha inocência.
- Bem, eu posso te oferecer duas opções. As pessoas sabem que os servo de Lance sempre dizem a verdade e portanto costumam não duvidar de nossas palavras, então na primeira eu posso voltar com você e contar tudo que aconteceu. Na segunda, eu posso levar você comigo na minha peregrinação até meu próximo destino, onde pretendo fundar um novo templo para Lance. Você pode abandonar sua vida antiga de magia arcana e assumir uma nova identidade como clériga de Lance. Eu seria seu tutor e você entenderia os milagres dos poderes divinos, como esse que você acabou de testemunhar.



Sophia pesou as duas opções. Havia grande chance de que realmente o povo de sua cidade acreditasse em Klauss, mas ela sabia como os magos da academia eram metódicos e desconfiados. Eles poderiam tentar alguma coisa contra ela em segredo. Ou pior, contra sua família.

Ela não queria desistir de sua mãe para sempre, mas era melhor do que coloca-la em perigo.

A jovem também não tinha intenção de desistir dos segredos arcanos que tanto despertaram sua curiosidade no passado e que agora ela começava a entender melhor. Porém o centro de tudo sempre foi isso, sua curiosidade e sua mente aguçada, que agora poderia ser posta em busca de novos mistérios. Ela testemunhara que a vida religiosa não era apenas uma crença de pessoas pouco instruídas, mas que na verdade continha poderes e segredos tão grandes quanto a história da magia arcana. Talvez ainda maiores. Ou talvez até fosse toda a energia mágica do mundo uma só coisa.

Ela divagou por instantes em questões filosóficas que a retiraram completamente da situação em que se encontrava: cansada, ferida e com a vida despedaçada. Porém, a sua vida não estava na sua antiga casa, nas pessoas que conhecia ou nos seus hobbies e atividades, mas sim na sua paixão pelo conhecimento e pelos mistérios da existências em seus diversos planos. Foi isso que a tornou uma excelente maga e Sophia acreditava que era isso que a faria muito feliz como clériga de Lance, o Deus da Justiça.

— Eu vou ficar com a opção de dormir um pouco agora, sem libertar um demônio do Abismo enquanto isso, eu espero. Então quando eu acordar, aí você me fala mais sobre esse templo que a gente vai construir.